

ANDRÉ BURIAN
Gravadura a ferro e fogo – Jorge dos Anjos, BH



A DIVERSIDADE NA POÉTICA DE JORGE DOS ANJOS

MARÍLIA ANDRÉS RIBEIRO*

RESUMO Com base em uma perspectiva teórica pós-colonialista que focaliza as diferenças culturais, valoriza as comunidades específicas e dá voz às minorias e aos novos sujeitos sociais, apresento um recorte da obra de Jorge dos Anjos, inserindo-o na vertente construtiva da arte afro-brasileira. Procuro analisar seu trabalho com um enfoque transversal, considerando a matriz África-Brasil como eixo que perpassa suas diferentes práticas artísticas: o desenho, a pintura, a escultura, o objeto, as experiências com diversos materiais e a *performance*.

PALAVRAS-CHAVE Diversidade. Arte Brasileira.

THE DIVERSITY IN JORGE DOS ANJOS' POETICS

ABSTRACT From a post-colonial theoretical perspective focusing on cultural differences, valuing specific communities and giving voice to minorities and new social subjects, I present an excerpt from Jorge dos Anjos' poetics within the constructive approach of the African-Brazilian art. His work is analyzed from a transversal look into the Africa-Brazil matrix crossing his different artistic practices: drawing, painting, sculpture, the object, experiments with several materials, and performance.

KEYWORDS Diversity. Brazilian Art.

* Historiadora da Arte e Presidente do Instituto Maria Helena Andrés (Art Historian and President of Instituto Maria Helena Andrés)

E-mail: marilia.andres@gmail.com

Recebido em 24/11/2015. Aprovado em 21/03/2016.

¹ Essa perspectiva pós-colonialista que “emerge do testemunho colonial dos países do terceiro mundo e dos discursos das minorias dentro das divisões geopolíticas” está presente nos estudos de intelectuais asiáticos e latino-americanos como: Homi Bhabha (1998); Ashi Nandy (2015); Eduardo Duarte (2002), entre outros.

² Roberto Conduru (2013, p. 22), historiador da arte afro-brasileira, salienta que: “Arte afrodescendente é um termo que remete a práticas artísticas em culturas resultantes da diáspora africana no mundo. Quando referida à produção brasileira, não quer abranger só a arte produzida por nativos da África e atuantes no Brasil ou nascidos no Brasil com antepassados africanos. Tal como vem sendo feito, pretende incluir também, independentemente da origem do autor, a arte feita no Brasil relacionada a temas e conteúdos africanos e afrodescendentes no país.”

³ Entendo que esse olhar transversal é “um procedimento, atitude ou navegação entre as ilhas do saber, de forma contextualizada e referida a um problema específico e de interesse mútuo”, como argumenta o filósofo Carlos Antônio Leite Brandão (2008, p.26).

Com base em uma perspectiva teórica pós-colonialista¹ que focaliza as diferenças culturais, valoriza as comunidades específicas e dá voz às minorias e aos novos sujeitos sociais, apresento um recorte da obra de Jorge dos Anjos, inserindo-o na vertente construtiva da arte afro-brasileira.² Procuo lançar um olhar transversal³ ao seu trabalho, focalizando a matriz África-Brasil como eixo que atravessa suas diferentes práticas artísticas: o desenho, a pintura, a escultura, o objeto, as experiências com diversos materiais e a *performance*.

Jorge dos Anjos é um artista afrodescendente, que viveu a infância e a juventude em Ouro Preto, cidade impregnada da herança colonial de Minas Gerais. Nela, o artista conviveu com a arte dos grandes mestres do barroco brasileiro, como Antônio Francis-



Gravadura a Ferro e Fogo - Jorge dos Anjos , BH – Foto André Burian

co Lisboa e Manoel da Costa Ataíde, e também com as manifestações religiosas afro-brasileiras. Foi ainda em Ouro Preto que ele aprendeu a usar as cores vibrantes com o pintor Nello Nuno e a construir estruturas tridimensionais com o escultor Amílcar de Castro, mestre do neoconcretismo brasileiro.⁴

Desde os anos 1970, Jorge pesquisa as várias possibilidades expressivas das artes visuais – a linha, a cor, a luz, o espaço, o movimento – e experimenta diversos materiais – a tela, o papel, o aço, a pedra, a madeira, o feltro, o plástico – retomando a sua matriz cultural por meio de imagens arquetípicas que remetem às fontes africanas. Suas experiências recentes incluem a *performance*, realizada com marcas de ferro e fogo sobre o feltro e com os desenhos de pólvora e fogo sobre o plástico.⁵

Jorge não só ressignifica os símbolos das religiões afro-brasileiras como também resgata o fazer artesanal próprio do ferreiro Ogum e do pedreiro Xangô, orixás que o protegem no universo do Candomblé. Seu processo criativo se dá no embate entre o saber ancestral, revelando marcas da escravidão negra, e o saber contemporâneo de herança construtiva.

O artista nos revela a importância do resgate da arte africana no seu trabalho:

A arte africana para mim é referência fundamental porque é ancestral, fala da minha origem, da minha raiz. É minha fonte vital, primeira. Diz respeito a uma ancestralidade que chegou até a mim a partir de coisas que vivencio; aprendi lendo, pesquisando, observando, dançando, experimentando, vivendo. Inspiro-me nessa herança mais remota. Essa questão da matriz cultural é uma das coisas que mais contribuem na realização do meu trabalho.⁶

Jorge tem também a preocupação com a inserção de sua obra no espaço público, visando à sua integração com a cidade, à arquitetura e à comunidade. Recentemente realizou uma imponente exposição de esculturas monumentais nas ruas e praças de Ouro Preto, homenageando o grande mestre Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho.⁷ Mas o artista homenageia também os orixás da umbanda e do candomblé, reverenciando as religiões afro-brasileiras. Nesse contexto, a obra Portal da Memória, construída na Lagoa da Pampulha para proteger o espaço dedicado à Iemanjá durante a realização dos rituais religiosos afro-brasileiros, é um exemplo dessa homenagem aos orixás e de sua interação com as comunidades afrodescendentes.⁸

O Portal da Memória e as esculturas construídas pelo artista nos espaços públicos o aproximam do contexto neoconcretista brasileiro, situando-o na vertente “construtiva

4 A trajetória e a obra do artista, bem como a sua inserção na vertente construtiva da arte brasileira, são discutidas no primeiro texto do crítico Márcio Sampaio: “Risco, Recorte, Percurso” (2010, p. 9-51).

5 Na apresentação do trabalho de ferro e fogo de Jorge dos Anjos, o poeta Ricardo Aleixo (2011) o insere na discussão das minorias raciais e focaliza o gesto de “inversão performativa” do artista.

6 Mércia, Janaina; Ribeiro, Marília Andrés; Silva, Fernando Pedro da (Org.). *Jorge dos Anjos*. Belo Horizonte: C/Arte, 2002. p. 17. (Coleção Circuito Atelier). Essa coleção visa resgatar o depoimento do artista sobre sua vida e obra.

7 O diálogo artístico e religioso entre Jorge dos Anjos e Antônio Francisco Lisboa é salientado no texto de Tukufu Zuberi (2014), professor de Sociologia e Estudos Africanos da Universidade de Pennsylvania.

8 O Portal da Memória é um grande recorte em aço, com a dimensão de 600 x 500 x 20 cm, construído na Lagoa da Pampulha em 2006. Foi uma demanda da Associação dos Terreiros visando proteger a imagem de Iemanjá, que completava 50 anos, e delimitar o espaço para a prática dos rituais religiosos afro-brasileiros.

9 O conceito de “construtivismo crioulo” é usado por Márcio Sampaio (2010, p. 45) para definir aquele construtivismo que tem uma conformação pessoal, carregado de ethos, de tónus que evidencia a ascendência cultural e ética e confere maior singularidade à obra de artistas como Jorge dos Anjos, Rubem Valentim e Emanuel Araújo.



Portal da Memória Jorge dos Anjos, Pampulha, BH, 2009 – Foto Marília Andrés

10 CONDURU, Roberto. *Arte afro-brasileira*. Belo Horizonte: C/Arte, 2007. p. 75. Roberto Conduru salienta não só a justaposição entre os signos construtivos e religiosos, mas também a vitalidade, a plasticidade e a corporeidade na obra de Jorge dos Anjos, apresentando-a como uma construção libidinal (2013, p. 95-96).

crioula”,⁹ representada pelas obras de Rubem Valentim e Emanuel Araújo, entre outros. Essa vertente revela a tensão entre o resgate de imagens da tradição afro-brasileira e o universo da arte construtiva, mostrando “a dimensão abstrata do confronto de signos construtivos e religiosos”.¹⁰

Mas existem outras dimensões, outras ilhas no universo de Jorge dos Anjos que o inserem nas propostas da arte contemporânea, permeadas pela transversalidade da

cultura africana. São os *Queimados* ou as *Gravaduras*, as marcas de ferro que ele imprime nos tecidos de feltro, usando o corpo em movimento e o ferro em brasa como ferramentas. Esse gesto lhe possibilita resgatar as marcas ancestrais da violência dos opressores na pele dos escravos negros. Essas marcas, registradas no tecido, são purificadas nos rituais performáticos realizados pelo artista, no seu ateliê ou nos espaços públicos. Nesse território de liberdade, impregnado de música e dança, o artista estende o feltro no chão e constrói com seu corpo, usando o ferro e o fogo, desenhos geométricos que pulsam revelando os símbolos dos orixás.

De forma semelhante, ele estende uma folha de plástico no chão, desenha os pontos dos orixás com cola, derrama a pólvora sobre o desenho e joga o fogo que incendeia a pólvora, deixando as marcas dessa ação no plástico. Jorge transforma os pontos de fogo usados nos rituais de purificação do candomblé em *Desenhos de fogo*. E mais, quando a *performance* é realizada com os *Vissungos*, que são “cantigas em língua africana ouvidas antigamente nos trabalhos de mineração”,¹¹ ela resgata as vozes ancestrais da África no território de Minas Gerais.

As *Gravaduras* e os *Desenhos* mestiços de Jorge dos Anjos não só apresentam uma justaposição entre a expansão do campo da gravura, do desenho e a apropriação da cultura popular como mostram uma ambiguidade própria de uma mestiçagem que se situa entre a arte e a religião, entre o artista e o religioso, entre o ateliê e o ritual, ressignificando tradições artísticas construtivas e tradições religiosas de herança africana.¹²

O artista tem uma concepção singular de seu ateliê como uma “Casa do Fazer”, um espaço sagrado onde se mesclam a arte, a religião e a vida. Ele nos fala de seu trabalho no ateliê:

O espaço do ateliê é um lugar sagrado, é como se fosse um terreno de Candomblé, onde as coisas se sucedem religiosamente. É no ateliê que construo a minha esperança, penso e busco realizar as coisas, é onde invisto todo o meu projeto de vida.¹³

Jorge nos mostra que o ateliê é o espaço-tempo íntimo do artista, lugar de sua criação individual, território de liberdade onde ele trabalha o seu fazer artístico, a sua *poiesis*. Esse ateliê se complementa no espaço-tempo público, urbano, coletivo, de recriação social de sua arte, ampliando a sua poética.

Concluindo, penso que a atitude transversal própria do olhar do pesquisador contemporâneo nos faz enxergar as diversas possibilidades de interpretações nas artes

¹¹ Queiroz, Sônia. *Vozes da África em terras diamantinas. Suplemento Literário de Minas Gerais* (2008).

¹² Sobre a mestiçagem na arte contemporânea brasileira, ver o texto de Icleia Cattani “Mestiçagem na arte contemporânea: conceitos e desdobramentos” (2007).

¹³ Mércia, Janaina; Ribeiro, Marília Andrés; SILVA, Fernando Pedro da (Org.) (Op. Cit, 2002, p. 19).

14 As reflexões que realizei sobre a obra de Jorge dos Anjos e que serviram de subsídio para escrever esse texto foram: “*Diálogos entre lo local y lo global en el arte contemporáneo brasileiro*” (2009); “*A transversalidade nas poéticas de Gego e Jorge dos Anjos*” (2009) e “*A poética transversal de Jorge dos Anjos*” (2011).

visuais em diálogo com outros saberes, e a poética de Jorge dos Anjos nos faz ver algumas dessas possibilidades, dentro da imensa rede rizomática que constitui os saberes na cultura contemporânea.¹⁴



Jorge dos Anjos, Esculturas, Ouro Preto, 2014 – Foto André Burian

Referências

- ALEIXO, Ricardo. A Ferro e Fogo. In: *Coleção Jorge dos Anjos*. Belo Horizonte: Edição do autor, 2011.
- BHABHA, Homi K. O pós-colonial e o pós-moderno. A questão da agência. In: _____. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. Introdução. In: PAULA, João Antônio de (Org.). *A transdisciplinaridade e os desafios contemporâneos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- CATTANI, Icleia Borsa (Org.). *Mestiçagens na arte contemporânea*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007.
- CONDURU, Roberto. *Arte afro-brasileira*. Belo Horizonte: C/Arte, 2007.
- CONDURU, Roberto. À guisa de introdução: colorido negror – arte, África e Brasil para além das noções de raça e etnia. In: _____. *Pérolas negras – primeiros fios: experiências artísticas e culturais nos fluxos entre África e Brasil*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2013. p. 13-23.
- CONDURO, Roberto. Construção e libido. In: CONDURU, Roberto. *Pérolas negras – primeiros fios: experiências artísticas e culturais nos fluxos entre África e Brasil*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p. 95-96.
- DUARTE, Eduardo de Assis; SCARPELLI, Marli Fantini (Org.). *Poéticas da diversidade*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2002.
- MÉRCIA, Janaina; RIBEIRO, Marília; SILVA, Fernando Pedro da (Org.). *Jorge dos Anjos – depoimento*. Belo Horizonte: C/Arte, 2002. (Coleção Circuito Atelier)
- NANDY, Ashis. *A Imaginação emancipatória: desafios do século 21*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.
- QUEIROZ, Sônia. Vozes da África em terras diamantinas. *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais. Belo Horizonte, outubro de 2008. Edição Especial sobre Cantos Afrodescendentes.
- RIBEIRO, Marília Andrés. Diálogos entre lo local y lo global en el arte contemporáneo brasileiro. In: MOREDA, Dannys Montes de Oca (Org.). *Integración y Resistencia en la era Global*. Anais do Evento teórico Décima Bienal de La Habana, La Habana, 31 de marzo al 3 de abril del 2009, p.197-208.
- RIBEIRO, Marília Andrés. A transversalidade nas poéticas de Gego e Jorge dos Anjos. In: MARTINS, Maria Virginia Gordilho; HERNÁNDEZ, Maria Herminia Oliveira (Org.). *Anais do 18º Encontro da ANPAP*, Salvador, EDUFBA, 2009, p. 2325-2335. (CD).
- RIBEIRO, Marília Andrés. A poética transversal de Jorge dos Anjos. In: DOS ANJOS, Irene Seabra. *Coleção Jorge dos Anjos*. Belo Horizonte: Edição do Autor, 2011.
- SAMPAIO, Márcio. *Jorge dos Anjos: risco, recorte, percurso*. Belo Horizonte: C/Arte, 2010.
- ZUBERI, Tukufu. Jorge dos Anjos: uma homenagem a Antônio Francisco Lisboa. In: *Jorge dos Anjos, esculturas, Ouro Preto*. Belo Horizonte: Edição do Autor, 2014.